

## **“Estranhamente familiar”. O conhecido contido no desconhecido**



*Resenha de Holzmeister, Silvana* **O Estranho na Moda**. Estação das Letras e Cores, 2010. 1ª edição, 132 páginas.

Paula Acioli\*

Assim que peguei a minha nova edição da revista britânica I-D para ler, meu marido passou pela sala. Olhou curioso para a capa da publicação e me perguntou – Isso é uma revista de moda ou de medicina? De moda – respondi. Conceitual, mas é uma revista de moda. Incrédulo, meu marido saiu da sala balançando a cabeça com um sorriso torto.

A reação acima descrita, pode soar estranha ao leitor – que não viu a capa em questão – em se tratando de uma publicação especializada em moda. Mas uma vez a capa da revista sendo descrita, o leitor concordará que tanto a pergunta, quanto a “estranheza” causada pela capa procedem. Principalmente partindo de alguém leigo no assunto (moda) como é o caso de meu marido, um engenheiro de formação, que trabalha há décadas no mercado financeiro.

---

\* Mestre em Moda, Cultura e Arte, pelo Centro Universitário Senac – SP; Bacharel em Design e Comunicação Visual pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista em moda pelo London College of Fashion. Idealizadora e Coordenadora Acadêmica do curso de Gestão em Negócios no Setor da Moda, da FGV/RJ é autora de livros e publicações especializadas no assunto.

A capa em questão trazia a imagem do rosto de uma modelo (?) coberto por hematomas, bandagens, gaze e muito esparadrapo. Nada que, nem de leve, lembrasse uma *glossy magazine*.

Afinal, seria mesmo aquela I-D, uma revista de moda ou de medicina? A sensação de incômodo que a imagem da capa produziu seria uma nova leitura para o glamour, ou seria uma visão bizarra e crítica da moda? Seria aquela modelo – literalmente - uma *Fashion Victim*?

O episódio passou. O tempo passou. E algum (muito) tempo depois desse episódio, aquela questão inocentemente surgida em uma manhã de domingo, aquele desconforto transmitido por uma imagem repulsiva há muitos anos atrás, parecem estar sendo finalmente tratados com a devida atenção no livro *O Estranho na Moda*, de Silvana Holzmeister, recentemente lançado pela editora Estação das Letras e Cores (SP)

Folheando despreziosamente o livro (antes mesmo de iniciar a leitura que me conduziu a essa resenha) logo fui fisgada por uma frase de Roland Barthes que acabei sublinhando para não me esquecer, pois seu conteúdo explica, claramente, o desconforto sentido pelo meu marido ao observar a imagem de capa daquela edição da revista I-D: “a impotência em nomear é um bom sintoma do desconforto”.

Tal capa – que mostra a imagem de uma modelo que nos remete a uma boneca quebrada, semi-destruída e abandonada por sua dona em um canto qualquer da casa – já provoca uma sensação de desconforto no leitor. Excelente maneira de chamar a atenção para uma questão que será devidamente explicada pela autora (através de excelentes exemplos), ao longo dos sete capítulos que compõem a obra.

Também em sua introdução – Universo feito de extremos, quando passeia pelos anos 1990 – uma década amalgamada pela (até então) improvável estética “*decadence avec elegance*” – que se opunha aos exageros cometidos pela moda na

década de 1980 – Silvana parece acertar: provoca o interesse do leitor e sinaliza a rica reflexão sobre os opostos existentes na (sempre) breve e conturbada vida da moda, que proporá nos sete capítulos que compõem a obra.

De sua introdução até o capítulo final, “Fim ilusório”, questões relevantes acerca dos conceitos “estranho” X “familiar” no universo da moda serão abordadas de forma original, e muito bem fundamentada. Fatos e acontecimentos do presente e do passado são, a todo momento, costurados de modo a permitir que o leitor compreenda através de textos ou de imagens, como a moda, além de se alimentar vorazmente da novidade, da vaidade e do glamour, alimenta-se de forma igualmente voraz, do estranho e do bizarro. É como se, finalmente, a máscara da moda caísse em pleno baile e, para surpresa dos seletíssimos convidados um rosto – cheio de cicatrizes, feridas e imperfeições – muito diferente daquele que todos já estavam acostumados a admira – surgisse, causando espanto e repulsa. É como se o lado mais sombrio da moda fosse revelado, de forma inquestionável> Desagradando a uns, mas (estranhamente) agradando a outros tantos.

Em seu livro Silvana parece conduzir o leitor ao raciocínio que o levará a compreender não apenas as origens do lado mais sombrio da moda, mas também a sua influência estética e seus desdobramentos ao longo de diversos períodos da história. Da Antiguidade Clássica aos dias atuais.

Se o homem nasce, cresce, reproduz, amadurece e morre, assim também é a moda. Mas a natureza humana, além de ambiciosa é teimosa, é desafiadora: quer vencer o único empecilho à sua eternização – a morte – e se perpetuar de alguma forma. Quer se reproduzir, se replicar. Assim também é a moda. Por não se conformar com sua condição de mortal, e resistir à idéia da finitude, o homem luta para se tornar – e às suas capacidades – eterno. Desde a Antiguidade até os dias atuais, homem tenta (re)criar-se e replicar-se a todo momento. Reproduz suas formas em esculturas, sua voz em aparelhos. Cria bonecas à sua imagem e semelhança, e Ciborgues à semelhança de sua ousadia e tecnologias disponíveis.

Reverencia e cultua a juventude até onde pode. Mas o homem não consegue deixar que sua imagem se liberte de algo ao qual estará eternamente acorrentada – o tempo. Em uma passagem do primeiro capítulo, a autora menciona que é preciso lembrar que a moda sempre exerceu caráter de termômetro de sua época e cita Barthes, que, ainda segundo a autora, aplica à informação visual o mesmo princípio quando afirma que “A imagem veicula fatalmente outra coisa que não ela mesma, e essa outra coisa não pode deixar de ter relação com a sociedade que a produz e a consome”. Afinal somos criadores, mas também criaturas.

Ao longo de toda a obra, Silvana demonstra através de exemplos diversos, a inevitável relação entre imagem e tempo; e a importância dessa relação como provocadora para o surgimento de novas estéticas. Sejam elas tendências ou contratendências de moda.

O livro é fartamente servido de excelentes referências e fontes, unindo o melhor do mundo acadêmico, ao artístico e empresarial. O que demonstra a facilidade com que Silvana transita entre os diferentes campos de conhecimento e sua habilidade em criar um texto de alto nível acadêmico e ao mesmo tempo didático. Autores de grande prestígio como Walter Benjamin, Roland Barthes, Jean Baudrillard, Edgar Morin, Diane Crane, Nízia Villaça e Eliane Robert de Moraes, entre outros; textos, citações e imagens em publicações especializadas – como as britânicas *The Observer Magazine* e *Dazed & Confused* – criadores e designers como Thierry Mugler, Alexander McQueen, Hussein Chalayan ou Alexandre Herchcovitch; artistas plásticos e fotógrafos com estética perturbadoramente vanguardistas como Michael Baumgarten e Andrea Giacobbe enriquecem o texto do livro que se inicia e se encerra com uma análise sobre a importância dos anos 1990.

De fato, a última década do século XX e a primeira década do século XXI, são cenários essenciais na narrativa dessa obra. O mergulho da autora em ambos os períodos é fundamental, pois é justamente nessa transição entre séculos que o estranho na moda passa a ser “estranhamente familiar”.